

INCENTIVANDO OS CONCORRENTES

Eduardo Carvalhaes Júnior¹
 Nelson Ferreira Silva Carvalhaes²
 Sérgio Ferreira Silva Carvalhaes³

Em 1989, os imensos estoques acumulados nos países produtores de café - resultado de uma política suicida de preços artificiais que estimulou o aumento de produção nos países produtores tradicionais e em dezenas de novos países produtores, ao mesmo tempo que contribuiu, com os preços altos, para a queda do consumo de café - levaram ao rompimento das cláusulas econômicas do Acordo Internacional do Café (AIC).

Com o término do acordo, Brasil e Colômbia, os dois maiores produtores de café do mundo, escolheram caminhos e políticas opostas.

A Colômbia, que, em detrimento do Brasil, vinha crescendo ano a ano, optou pelo paternalismo e subsidiou seus produtores nos anos de crise que se seguiram ao término do acordo.

A queda dos preços do café, com o fim do acordo, teve como vertente principal a desova de estoques por diversos países produtores liderados pela Colômbia. A política adotada pela Colômbia foi de ganhar participação (*market share*) no mercado mundial e ao mesmo tempo, com o resultado destas vendas, subsidiar seus produtores, para em uma eventual (que para muitos era questão de meses) renegociação das cláusulas econômicas do Acordo Internacional estar em uma posição privilegiada - com sua lavoura intacta e uma participação crescente - para exigir uma fatia maior do mercado mundial de café.

O resultado como todos sabem é que o fim da Guerra Fria e as grandes mudanças na economia mundial nos últimos 20 anos tornaram inviáveis acordos como o do café.

A Colômbia persistiu em sua política de subsídios e hoje a produção colombiana de café está em crise, e sua posição como segundo maior

produtor e exportador do mundo ameaçada pelo Vietnã, Indonésia e México.

O Brasil, ao contrário, após o fim do Acordo acabou com o paternalismo, diminuiu fortemente os subsídios e desregulamentou o mercado.

Com essas mudanças, seguiram-se anos difíceis para o agronegócio café no Brasil. Produtores, corretores, comerciantes, exportadores e industriais menos eficientes perderam participação ou fecharam seus negócios. O período de ajuste foi longo e dolorido, mas hoje, após bilhões de dólares investidos na modernização e no desenvolvimento de toda a cadeia produtiva, bem como na implantação de novas áreas de produção, o agronegócio café do Brasil é o melhor e mais eficiente do mundo, estando em uma posição excelente para crescer fortemente nos próximos anos.

A produção brasileira está crescendo e deve crescer ainda mais nos próximos anos, sempre aumentando a produtividade por hectare e derrubando custos. A qualidade do café brasileiro melhora a cada ano, e o País está reconquistando mercados perdidos nos anos de acordo. O café brasileiro detém hoje uma fatia de aproximadamente 35% (exportação + consumo interno) do consumo mundial e tem plenas condições de crescer, deslocando seus concorrentes que optaram por uma política errada.

Com o Plano Real e o sensível ganho na qualidade dos cafés vendidos para o mercado interno, o consumo no País está aumentando - já é o segundo mercado consumidor de café - e com a economia voltando a crescer, poderá, em alguns anos, encostar e até passar o consumo americano, o maior do mundo.

O Brasil produz praticamente todas as máquinas, equipamentos e insumos necessários ao seu agronegócio, mantendo ainda uma fatia de 25% no mercado internacional.

Iniciou com sucesso uma campanha denominada "Cafés do Brasil", com o intuito de divulgar a qualidade crescente dos cafés nacio-

¹Engenheiro Químico, Diretor do Escritório Carvalhaes Corretores de Café Ltda.

²Advogado, Diretor do Escritório Carvalhaes Corretores de Café Ltda.

³Economista, Diretor do Escritório Carvalhaes Corretores de Café Ltda.

nais.

Todo esse sacrifício e trabalho de muitos anos está agora ameaçado por um “Acordo de Retenção” no âmbito da Associação dos Países Produtores de Café (APPC). Este acordo (melhor seria chamá-lo de cartel), típico dos anos de Guerra Fria, é inadequado para o mundo atual e não interessa ao Brasil, que está preparado para disputar o mercado consumidor.

Este plano vai tentar forçar uma alta generalizada nos preços de café, beneficiando no curto prazo os produtores e países ineficientes. Em alguns anos, o resultado será, de um lado, o crescimento generalizado na produção mundial, trazendo para o mercado produtores ineficientes e, de outro, a queda na qualidade e no consumo.

O País está incentivando os concorrentes e armando uma grande crise para breve, pois estes concorrentes são países pobres que não terão como reter os estoques que crescerão a cada ano.

Para agregar valor ao café brasileiro e não ao dos concorrentes, é preciso investir ainda mais em pesquisa, derrubar custos em toda a cadeia produtiva e insistir em campanhas como a “Cafés do Brasil”, convencendo o consumidor das vantagens de pagar mais para tomar café brasileiro (o Brasil vende junto uma série de serviços e qualidades que os concorrentes não têm, como, por exemplo, portos modernos, aeroportos e estradas de primeiro mundo, bancos, etc.).

Pode-se ainda, usando como atrativo o mercado consumidor interno, o segundo maior do mundo e, sem dúvida, o de maior potencial de crescimento nos próximos anos, convencer as grandes indústrias internacionais a industrializarem seus cafés no Brasil, agregando valor às exportações e deslocando concorrentes. Pode-se também no futuro vender CIF em vez de FOB como hoje. Entregando na porta do comprador e usando parceiros internacionais para ajudar a quebrar barreiras políticas e alfandegárias.

Este “Acordo de Retenção” é anacrônico, inadequado ao estágio atual da economia mundial e, principalmente, não atende de forma alguma aos interesses brasileiros.

O Brasil, mais uma vez, será prejudicado por esta política de acordos, que acabará como sempre estimulando os concorrentes e desestimulando o processo de modernização do agronegócio brasileiro.

As dificuldades do produtor de café são

as mesmas de todos os outros produtores agrícolas do Brasil. Escassez de crédito e financiamento, que quando encontrado é caro e pouco. Também a volatilidade e a irracionalidade, que atingem as bolsas do mundo, acontecem nas bolsas de café, desorientando e desesperando as lideranças do setor.